

**O COMBATE DA CARIDADE CONTRA A AVAREZA
NA *PSYCHOMACHIA*, DE PRUDÊNCIO, E O PROTAGONISMO
DE PERSONAGENS FEMININAS**

Carlos Eduardo Schmitt (USP)
carlos.schmitt90@gmail.com

RESUMO

A *Psychomachia*, escrita por Aurélio Prudêncio Clemente (348 – c. 410 d.C.), é um poema de mais de novecentos versos compostos em hexâmetros datílicos. A epopeia, por meio da personificação de vícios e virtudes, enfatiza a luta na alma do cristão, que busca fazer o bem e evitar o mal. Tanto na epopeia homérica como na virgiliana, os grandes heróis são do sexo masculino, sejam eles homens ou semideuses. É claro que há figuras femininas de destaque, como Helena, motivo da Guerra de Troia, Penélope, que pacientemente aguardou seu marido ou a própria Dido, personagem de destaque no livro IV da *Eneida*. No entanto, não podemos comparar seus papéis com o protagonismo, por exemplo, de Aquiles, Odisseu ou Eneias. No caso da *Psychomachia*, as personagens principais são femininas. A obra pode ser dividida em três grandes partes: prefácio, combates de vícios e virtudes e a construção de um templo. Centraremos nossas reflexões no combate da Caridade contra a Avareza, um dos seis duelos da segunda parte, que se estende do v. 454 ao 664, através de uma análise das personificações do vício e da virtude e as respectivas referências às personagens femininas da *Eneida*, especificamente Vênus e Lavínia, partindo da semelhança textual para adentrarmos em uma reflexão temática. Trata-se do último ciclo de combates individuais da obra, capaz de dialogar com a obra virgiliana e também com o mundo moderno, sobretudo no que tange a certas posições sociopolíticas atuais. Nosso intuito é demonstrar que, através do recurso da intertextualidade na composição das personagens, Prudêncio é inovador ao estabelecer personagens femininas como protagonistas do poema.

Palavras-chave:

Eneida. Psychomachia. Personagens femininas.

ABSTRACT

The *Psychomachia*, written by Aurelius Prudentius Clemens (348 – c. 410 AD), is a poem of more than nine hundred verses composed in dactylic hexameters. The epic, through the personification of vices and virtues, emphasizes the struggle in the Christian's soul, which seeks to do good and avoid evil. In both Homeric and Virgilian epics, the great heroes are male, whether they are men or demigods. Of course, there are prominent female figures, such as Helen, the reason for the Trojan War, Penelope, who patiently waited for her husband, or Dido herself, a prominent character in book IV of the *Aeneid*. However, we cannot compare her roles with the leading roles, for example, of Achilles, Odysseus or Aeneas. In the case of the *Psychomachia*, the main characters are female. The work can be divided into three large parts: preface, battles between vices and virtues, and the construction of a temple. We will focus our reflections on the fight between Charity and Greed, one of the six duels in the second part, which extends from v. 454 to 664, through an analysis of the personifications of the vice and the virtue, and the

respective references to the female characters of the *Aeneid*, specifically Venus and Lavinia, starting from the textual similarity to delve deeper into a thematic reflection. This is the last cycle of individual combats in the work, capable of dialoguing with Virgil's work and also with the modern world, especially concerning certain current sociopolitical positions. We aim to demonstrate that, through the use of intertextuality in the composition of the characters, Prudentius is innovative in presenting female characters as protagonists of the poem.

Keywords:

Aeneid. Psychomachia. Female characters.

1. Introdução

Aurélio Prudêncio Clemente nasceu em 348 e morreu na primeira década do século V. Seguiu carreira pela via administrativa durante os tempos de Teodósio I, em Milão. Repletas de helenismos e com a maior parte delas contendo títulos gregos, suas obras, não obstante, estão escritas em latim. Chegaram à contemporaneidade nove composições poéticas suas: *Praefatio*, *Cathemerinon*, *Apotheosis*, *Hamartigenia*, *Psychomachia*, *Contra Oratorem Symmachi*, *Liber Peristephanon*, *Tituli Historiarum ou Dittochaeon* e *De Opusculis suis Prudentius*.

A *Psychomachia*, poema de mais de novecentos versos, escrito em hexâmetros datílicos, metro do gênero épico, descreve de forma alegórica o combate entre vícios e virtudes pelo domínio da alma do homem. Gonçalves (2013, p. 3) defende que se trata de uma obra de proselitismo cristão, com a finalidade de exaltar os benefícios obtidos por aqueles que se convertiam à nova religião. Apesar da temática cristã, para escrever sua obra prima, o poeta buscou inspiração nas epopeias homéricas e, sobretudo, na *Eneida* de Virgílio.

Vemos a obra de Prudêncio como um todo, e particularmente a *Psychomachia*, como uma tentativa de justificar e dar ascendência à nova religião a partir de uma perspectiva literária. De certa forma, antes do poeta, os cristãos não possuíam uma obra de relevo, aos moldes clássicos, que tratasse, com maestria, de justificar, em certo modo, o novo culto. Nesse sentido, havia um forte desejo de expandir o pensamento cristão também em gêneros literários ousados, como é o caso da epopeia. É importante levar em consideração também o período histórico em que o autor escreveu. Sendo assim, nossa abordagem histórica se baseará nos estudos de Brown (1971; 1993; 2013), historiador que parte do pressuposto de uma nova realidade durante o período em que o poeta viveu, a “Antiguidade

Tardia”¹², a qual se diferencia do Período Clássico, sem ainda constituir propriamente o que se conhece como Idade Média. Trata-se de um período compreendido aproximadamente entre 200 e 700, cujos autores, em sua maioria, não têm sido muito explorados, pela própria dificuldade de enquadrá-los em um nicho de pesquisa específico. Segundo Brown (1971),

Para estudar tal período, é preciso estar constantemente consciente da tensão entre mudança e continuidade no excepcionalmente antigo e bem arraigado mundo ao redor do Mediterrâneo. [...] Olhando para o mundo da Antiguidade Tardia, estamos presos entre a contemplação arrependida de ruínas antigas e a animada aclamação de um novo crescimento.¹³ (BROWN, 1971, p. 7)

Outro aspecto a se ter em consideração no que tange à originalidade da *Psychomachia* é que, tanto na epopeia homérica como na virgiliana, os grandes heróis são do sexo masculino, sejam eles homens ou semideuses. É claro que há figuras femininas de destaque, como Helena, motivo da guerra de Troia, Penélope, que pacientemente aguardou seu marido ou a própria Dido, figura de destaque no livro IV da *Eneida*. No entanto, não podemos comparar seus papéis com o protagonismo, por exemplo, de Aquiles, Odisseu ou Eneias. No caso da *Psychomachia*, as personagens principais são femininas. As virtudes são mulheres (personificações femininas, propriamente) que se digladiam contra outras mulheres, os vícios, em busca da salvação da alma humana.

2. O combate da caridade contra a avareza

A *Psychomachia* pode ser dividida em três partes: o prefácio, as batalhas entre vícios e virtudes e a construção de um templo, ou como são comumente denominadas: *praefatio*, *colluctatio* e *aedificatio*. A *colluctatio* é composta por seis batalhas, das quais a última se dá entre a Caridade e a Avareza (vv. 454-664). Prudêncio é, sem dúvida, um clássico, por ter escrito obras perenes, que dialogam com os homens das diversas épocas. E acreditamos que, de todos os duelos apresentados pelo poeta, este é o

¹² Somos conscientes, como pontua Silveira (2011) em seu artigo “*Reflexões sobre o conceito de Antiguidade Tardia*”, que tal conceito não apenas não é unanimidade entre os historiadores, mas que tampouco é utilizado necessariamente de maneira uniforme entre os historiadores que o promovem.

¹³ “*To study such a period one must be constantly aware of the tension between change and continuity in the exceptionally ancient and well-rooted world round the Mediterranean. [...] Looking at the Late Antiquity world, we are caught between the regretful contemplation of ancient ruins and the excited acclamation of new growth.*”

que nos parece mais atual, pelas posições sociopolíticas que podem ser extraídas e interpretadas a partir de vários versos, embora saibamos que se assemelhe muito também à realidade dos séculos IV e V.

A Avareza é apresentada como um vício que tem as duas mãos ocupadas. Sua mão direita, recurvada, se dedica a pegar todos os espólios do combate passado, ajuntando tudo, até mesmo “fragmentos de ouro caído entre amontoados de areia” (vv. 457-458). Além de ter enchido os bolsos de suas roupas, ela também enche sacolas e pesados cestos, não deixando nada para trás (vv. 458-460). Sua mão esquerda, por outro lado, se dedica a cobrir e esconder os tesouros (vv. 461-462). Com apenas essa descrição, já podemos ver a Avareza como uma personagem corcunda, focada em bens terrenos e possuidora de grandes mãos e unhas, que não deixam passar nada. Como com os outros vícios, a Avareza também é seguida por companheiros, são eles: a Preocupação, a Fome, o Medo, a Ansiedade, os Perjúrios, a Palidez, a Corrupção, o Engano, as Mentiras, a Insônia, a Imundície, a Vingança e os Crimes (vv. 464-466).

O poeta descreve como a Avareza não possui escrúpulo algum e, na prática, objetifica pessoas, até mesmo familiares, e tem como fim o maior acúmulo possível de bens materiais. Nessa jornada, se for necessário, assassinará o próprio irmão para tomar seu elmo que brilha ou, vendo o pai morto, se alegrará por ainda encontrar os despojos em seu corpo ensanguentado (vv. 470-476). Isso consiste em uma alusão ao que ocorria na época, seja o fratricídio, tendo em vista a sucessão ou expansão do reino, seja a morte do pai, que possibilitaria ao filho a ascensão ao trono. Como se não fosse ignominioso eliminar uma pessoa por razões meramente materiais, mais ainda um parente, como um irmão ou pai, a fome do avaro é tamanha que chega a despojar os próprios filhos (v. 479).

A Avareza, que desde antes do cristianismo tem aniquilado milhões de pessoas e povos, precisou fazer uso de um artifício entre os cristãos para continuar com o mesmo poder de antes, travestindo-se de virtude sóbria. O estrago estava sendo imenso ao longo dos mais de 100 versos nos quais o vício foi o protagonista, desde o verso 454. Para combater um vício que parece ter se especializado em tornar-se autoimune entre os cristãos, foi necessário, então, que uma virtude, a partir do verso 573, também tivesse um conceito de originalidade cristã. Trata-se da Caridade (*Operatio*).

É interessante notar as diversas facetas da Caridade que são exploradas pelo poeta. Em primeiro lugar, vemos que ela era a última no passo do exército (v. 575) e, portanto, por ser a mais afastada das batalhas,

provavelmente seja também aquela que sinta a maior repugnância por elas. A razão pela qual ela luta também está explicitada, “para que já não subsista algo triste” (v. 576). A Caridade, portanto, é uma virtude que se apiada dos males causados pela Avareza, o que lhe faz sair do lugar mais afastado da batalha para dirigir-se a esse oponente que lhe é antagônico.

A Caridade, como é possível perceber ao longo dos versos, era alguém que provinha de uma família muito abastada e resolveu doar todos os seus bens, pela compaixão que tinha para com os pobres. O poeta faz questão de explicitar que ela não entregou apenas parte de sua fortuna, mas tudo. No entanto, ao realizar já tamanho ato, esvaziando-se de si mesma, ela foi enriquecida de fé (v. 582). Interessante notar como a Caridade é apenas completa quando possui também a virtude da fé. Ao perceber isso, a Avareza, fora do controle da razão, ficou imóvel (vv. 584-585). Nesse sentido, vemos não só como a Avareza é irracional, mas também, tendo em vista o antagonismo da virtude, como a Caridade é movida pela razão.

O poeta parece ter sido bem perspicaz ao elencar, de forma indireta, a racionalidade como uma das características da Caridade, talvez tendo em vista até mesmo pessoas de seu tempo que criticavam aqueles cristãos que, antes abastados, resolviam desfazer-se de todos os seus bens, de forma radical. A Caridade, então, que se encontrava na última fila de batalha, por não ser adepta à violência e que estava munida de fé e razão, derrotada a Avareza.

Logo após a morte do vício, a Caridade toma os espólios da Avareza e os distribui (vv. 598-603). O poeta faz questão de salientar que as riquezas acumuladas pela Avareza, na prática, não eram usadas para nada. Percebemos isso quando escreve que as bolsas dela estavam roídas por numerosos vermes, ou quando descreve as moedas, conservadas há muito tempo, verdes e cobertas de azinhavre (vv. 600-601). E, talvez o mais interessante seja exatamente o pós-combate. Além das virtudes elencadas anteriormente, aparecerá uma nova virtude, a paz (v. 631). Com todas as batalhas tendo sido concluídas e com a vitória da Caridade, a virtude incita seus soldados a desfazerem-se dos apetrechos de guerra, a se afastarem das armas e a descansarem da perdida avidez de lucrar (vv. 606-608).

3. Intertextualidade com a Eneida

Em relação à intertextualidade temos “*Causa mali tanti*” (vv. 607) que aparecerá também na *Eneida*, nos livros VI e XI (6.93 e 11.480). Em

Prudêncio, trata-se do início da fala da Caridade, logo após a morte da Avareza. No canto VI da epopeia virgiliana, que marcará a passagem de sua parte odisseica para a iliádica, a qual iniciará propriamente no livro VII, essas palavras estão na boca da Sibila, e se referem à Lavínia, com uma clara alusão a Helena. No canto XI, por sua vez, embora se refiram também à Lavínia, essas palavras, como ressalta Oliva Neto (2014, p. 761), são expressadas pelo próprio poeta e não por uma personagem. Vemos, através desses excertos, que o poeta tardo-antigo busca equiparar as mortes e destruições das guerras de Troia e do Lácio, causadas por amores humanos, às destruições causadas pela Avareza no mundo, embora a funcionalidade dessa frase nos textos virgilianos possa ser, possivelmente, melhor associada ao *fatum*, a algo que já estava destinado a acontecer, enquanto tal relação não parece estar presente em Prudêncio.

No verso 634 da *Psychomachia*, em que temos (“*Vestis ad usque pedes descendens defluit imos*”), no qual o poeta descreve a forma como a vestimenta da Caridade cai até a altura de seus pés, após ela ter terminado seu discurso e arrancado os cintos¹⁴, vemos uma semelhança, apontada por Pelttari (2019, p. 179), com o primeiro livro da *Eneida* (*Aen.* 1.404-5) (“*pedes uestis defluxit ad imos, / et uera incessu patuit dea*”), em que Vênus se revela para seu filho Eneias. O final dos combates da *Eneida* e da *Psychomachia* resultam na realização da vontade, respectivamente, de Vênus e da Caridade. Além do mais, a semelhança na descrição deve lembrar o cristão que a Caridade é também envolvente e sedutora, possui sua beleza própria, provavelmente a mais bela de todas as virtudes, realmente e não só etimologicamente, afrodisíaca. De fato, o esforço na emulação da *Eneida* torna-se ainda mais explícito quando, no verso 640, Prudêncio utiliza a palavra “*Tonantis*” para referir-se a Deus – provavelmente a Deus Pai, dentro da teologia cristã, especificamente a defendida no credo niceno-constantinopolitano –, que se alegra pela vitória. Trata-se de uma clara referência a Júpiter, pai da deusa e, portanto, avô de Eneias. Se considerarmos a genealogia paterna do herói troiano também chegaremos a Júpiter (Eneias, Anquises, Cápis, Assáraco, Tros, Erictônio, Dárdano, Júpiter). A Caridade pode ser comparada a Vênus não apenas a partir da perspectiva de uma beleza sedutora, mas também do amor. De fato, palavras como *operatio*, *charitas* e *amor* não raras vezes são utilizadas na literatura cristã como sinônimos.

¹⁴ Em *Aen.* 1.319, há algo semelhante, referindo-se à vestimenta de Vênus. Em tradução de Carlos Alberto Nunes, “um nó bem-posto segura-lhe no alto o vestido flutuante.

4. Conclusão

Depois de uma leitura completa da *Psychomachia*, é notória a desproporção na descrição de vícios e virtudes. Qual seria a razão para o poeta ter descrito as virtudes com uma riqueza de detalhes perceptivelmente menor que a dos vícios? Para responder tal pergunta, buscaremos apoiar-nos nas tradições em que Prudêncio se inspirou. Na tradição clássica temos a elegia *Amores* 1.5.23, em que Ovídio escreve, depois de sua relação íntima com Corina: “Por que direi detalhes? Não vi nada que não fosse louvável”.¹⁵ O mesmo ocorre na tradição judaico-cristã, como quando Paulo escreveu sobre sua experiência em terceira pessoa após ter sido supostamente arrebatado ao Paraíso: “porque (ele) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras secretas que não é permitido ao homem falar.”¹⁶ (II Co. 12, 4). Ambas tradições lidam com o poder daquilo que não é dito, mas apenas sugerido, utilizando esse recurso retórico para fomentar ainda mais a imaginação, tendo em vista que descrever é também delimitar.

O desconhecimento histórico da Antiguidade Tardia, explicitado por Brown (1971, p. 7), reflete no desconhecimento dos *auctores* de seu tempo. De fato, Glover (1901, vii) chegou a afirmar que se trata de “uma época que pode se gabar de um Agostinho e de um Sinésio na prosa, e de um Claudiano e um Prudêncio na poesia e, entretanto, em geral ignorada, exceto por estudiosos envolvidos em alguma pesquisa especial, que os utilizam como fontes.”¹⁷

O impacto de Prudêncio, especificamente da *Psychomachia*, foi tal, que lhe levou a ser um dos *auctores* mais lidos da Idade Média, além da vivacidade de suas obras, cujas imagens foram esculpidas e pintadas em catedrais, igrejas e manuscritos. Chamado de “Virgílio Cristão” por suas composições hexamétricas e de “Horácio Cristão” por seus hinos, Prudêncio foi a culminação literária de uma época em plena ascendência cristã, com imperadores, éditos, concílios, santos, teólogos e apologetas cristãos. Faltavam, não obstante, literatos cristãos, autênticos poetas, no sentido estrito do termo para a época, que ousassem nos gêneros clássicos de maior complexidade. A figura de Prudêncio, então, é de especial relevância. Com um espaço temporal de mais de 1.600 anos desde sua morte, podemos fazer

¹⁵ “*Singula quid referam? Nil non laudabile uidi*”

¹⁶ “*quoniam raptus est in paradysum et audiuit arcana uerba, quae non licet homini loqui.*”

¹⁷ “*An age that can boast an Augustine and a Synesius in prose, a Claudian and a Prudentius in poetry, is nevertheless in general ignored, except by scholars engaged in some special research, who use them as sources.*”

suas as palavras do verso horaciano: “*Exegi monumentum aere perennius*”¹⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIA SACRA VULGATA. 5th ed. Edited by Robert Weber. Stuttgart: German Bible Society, 2007.

BROWN, Peter. *The World of Late Antiquity: from Marcus Aurelius to Muhammad*. London: Thames and Hudson, 1971.

_____. *The Making of Late Antiquity*. Cambridge & Londres: Harvard University Press, 1993.

_____. *The Rise of Western Christendom: triumph and diversity, A.D. 200–1000*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

GLOVER, Terrot Reaveley. *Life and Letters in the Fourth Century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1901.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Cânones Retóricos Cristãos e Pa-gãos. *Revista Territórios & Fronteiras*, v. 6, n. 1, Cuiabá, jan.-jun., 2013.

HORÁCIO. *Carmina*. Trad. de Pedro Braga Falcão. São Paulo: Editora 34, 2021.

OLIVA NETO, João Angelo. *Organização, apresentação e notas*. In: VIRGÍLIO. *Eneida*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Editora 34, 2014.

OVIDIO. *Amores*. Trad. José Quiñones Melgoza. México: UNAM, 2018.

PELTARI, Aaron. *The Psychomachia of Prudentius: text, commentary, and glossary*. Norman: University of Oklahoma Press, 2019.

PRUDENCE. *Tome III: Psychomachie – Contre Symmaque*. Texte établi et traduit par Maurice Lavarenne. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

SILVEIRA, Verônica da Costa. *Reflexões sobre o conceito de “Antiguidade Tardia”*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – AN-PUH. São Paulo, julho 2011.

¹⁸ *Odes* 3.30.1.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VIRGILE. *Énéide. Livres V-VIII*. Texte établi et traduit par Jacques Perret.
Paris: Les Belles Lettres, 2000.

_____. *Énéide. Livres IX-XII*. Texte établi et traduit par Jacques Perret.
Paris: Les Belles Lettres, 2008.